



*Vocação econômica da capital do país
passa pela construção civil,
informática, serviços e vestuário*

Paulo de Araújo 24.4.98



Setor potencialmente lucrativo, a construção civil vale-se de uma demanda de 100 mil moradias no Distrito Federal, onde o produto interno bruto é o maior do país

Cristine Gentil
Da equipe do **Correio**

Muito já se falou sobre Brasília. Disseram dela que não teria esquinas nem calçadas. Que a marca de meio milhão de habitantes seria cunhada apenas no ano 2000. Mas, assim como ficou para trás esse modelo de cidade, perdeu-se também a vocação que ela teria. Nascida para ser um centro político-administrativo, Brasília precisa agora de um novo eixo de desenvolvimento. Um novo figurino que vista bem uma cidade com dois milhões de habitantes, 180 mil desempregados, com o maior produto interno bruto do Brasil e com um potencial de consumo que ultrapassa US\$ 15 bilhões por ano.

Entidades não-governamentais, sindicatos, federações, universidade e governo já se debruçam no dilema de buscar uma nova vocação econômica para a cidade. Da discussão dos especialistas e de pesquisas de mercado, saíram alguns potenciais áreas de desenvolvimento para a capital. O setor de serviços e a indústria de tecnologia de ponta são vistos como os principais eixos de desenvolvimento para a capital. Entre os negócios de futuro, destacam-se ainda informática, vestuário, móveis, turismo e construção civil.

Por trás do potencial de cada uma dessas áreas, há um forte respaldo. Para o ramo de construção, por exemplo, há o déficit de moradias. Existe uma demanda por 100 mil moradias no Distrito Federal e por cinco milhões no Brasil. Já na área de informática, há um alto nível de profissionais gabaritados e um volume de negócios que gira em torno de US\$ 6 bilhões por ano.

No setor de vestuário, a cidade já começa a ganhar projeção. Pólos de confecção organizam-se em cooperativas para começar a exportar. O setor de móveis também é representativo. Existem 150 empresas, que geram 2.655 empregos diretos e formais.

"Ainda não se encontrou uma vocação única para Brasília. Ela tende a ser um pouco de cada uma dessas coisas", acredita o presidente do Sindicato dos Eco-

nomistas do DF Júlio Miragaya.

Para ele, a saída é mesmo a industrialização de produtos não-poluente. "As indústrias não precisariam ser necessariamente dentro do quadrilátero. Instalá-las no Entorno reduziria a pressão sobre o mercado de Brasília, aumentaria a arrecadação desses municípios e eles poderiam investir em infra-estrutura, reduzindo a dependência em relação a Brasília", avalia Júlio.

Adalberto Valadão, presidente da comissão de apoio a Negócios Empresariais e à Exportação da Fibra, confirma. "Aquele cidade sustentada no modelo político-administrativo não existe mais. Temos que produzir e gerar nossa própria riqueza. Não tenho dúvida do potencial produtivo de Brasília e ela já está próxima de sua vocação, voltada principalmente para a área de serviços e de indústrias não-poluente."

COMPRA LÁ FORA

Especialistas confiam no sucesso da indústria local respaldados em algumas condições básicas aqui. Pesquisa realizada pela Fibra mostra que 11% das empresas compram fora do DF por falta de fornecedor local, outros 21,60% por falta de disponibilidade, e 41,3% pelo alto preço daqui. Em resumo, Brasília consome muito e produz pouco. E o que produz sai caro, seja pela falta de uma política de incentivos ou pela dificuldade de encontrar aqui matéria-prima.

Para mudar esse quadro, o governo quer atrair empresas e apoiar as que já se estabeleceram aqui. No Plano de Desenvolvimento do Distrito Federal, que está sendo elaborado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, há algumas diretrizes básicas, cujo objetivo final é criar 150 mil empregos no DF.

Como Brasília tem ainda uma localização geográfica privilegiada, com infra-estrutura de rodovias, ferrovias e aeroporto de grande porte, o governo aposta em criar aqui uma estação adua-

Anderson Schneider



Deosimar Damásio, da informática: "Falta política de investimentos"

PROMESSAS DE SUCESSO

MÓVEIS

■ Existem 150 indústrias de móveis — 86,87% são microempresas, 11,62% são pequenas e 1,52% de médio porte. No Brasil, 12% das indústrias moveleiras são de médio porte. Gera 2.655 empregos diretos e formais, com média de 17,7 empregados por empresa, enquanto a média nacional é de 22,2. O sindicato da categoria estima que o mercado informal seja 50% do segmento

VESTUÁRIO

■ Há cerca de 300 empresas atuando, direta ou indiretamente, a grande maioria — 96% — é de microempresas, com até 20 empregos cada uma. É um setor jovem — 50% iniciaram suas atividades na década de 90.

INFORMÁTICA

■ Há cerca de 700 empresas do ramo de informática — 88% são microempresas e apenas 4% podem ser consideradas médias. Essas empresas suprem apenas 10% das necessidades de informática da região

CONSTRUÇÃO CIVIL

■ Segundo o sindicato da categoria, 230 empresas participam do setor. Existe um déficit de 100 mil moradias no Distrito Federal

TURISMO

■ Há cerca de 410 empresas cadastradas no segmento de turismo, das quais 150 são sindicalizadas, a grande maioria iniciou suas atividades na década de 90.

neira e uma abrangente zona de livre comércio exterior.

O plano prevê também a criação de áreas de desenvolvimento econômico regional, respeitando a vocação de cada cidade; galpões de formação de mão-de-obra; instalação de parques temáticos para fortalecer o turismo, e a criação do Pólo de Alta Tecnologia, que seria localizado, a princípio, em Sobradinho.

"Ainda não está nada fechado, mas existem muitas possibilidades no Plano de Desenvolvimento de Brasília", afirma o secretário Lázaro Marques. Para ele, a vocação de Brasília passa pelo incentivo e acompanhamento das em-

presas já instaladas e a atração de novos negócios. Aposta, para isso, no Pró-DF, programa de incentivo para atrair empresas para o DF. A indústria de cosméticos Davene se prontificou a se instalar no Pólo JK, em Santa Maria, com promessa de gerar 800 empregos este ano. Além disso, 1.170 empresas já receberam incentivos para construção de sedes.

GRANDE PROMESSA

O ramo de informática seria o carro-chefe do pólo de alta tecnologia. Segundo o Sindicato de Empresas de Informática do DF (Sinfor), existem 800 empresas ligadas ao setor, mas ainda é muito

pouco. "Elas não atendem nem a 10% da demanda local. Temos um volume de negócios de US\$ 6 bilhões por ano — só perdemos para São Paulo —, mas só US\$ 800 milhões são fechados por indústrias locais. Brasília pode ser a capital digital da América do Sul", acredita o presidente do Sinfor, Inácio de Castro.

Deosimar Damásio, 39 anos, é um exemplo de sucesso. Começou com dois amigos, seus sócios, em julho de 1993. Hoje, a empresa dele, chamada MSD, tem 60 funcionários e já desenvolveu mais de 60 produtos na área de informática ligada à educação. São softwares, cursos a distância, escola técnica virtual e outros produtos responsáveis por um faturamento bruto anual de R\$ 1,5 milhão.

Para ele, Brasília tem um grande mercado. "O fato de ser o centro do país e de estar próxima ao governo federal já favorece o negócio. Temos muita gente qualificada na universidade. O que falta é uma política de incentivos para o setor", acredita Deosimar.

Foi na Universidade de Brasília (UnB) que Deosimar encontrou terreno fértil para fazer uma empresa de sucesso. De 1993 a 1995, ele participou do programa Incubadora de Empresas, uma das frentes de trabalho do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico (CDT) da UnB. Nesse tempo, teve instalações de graça e apoio de consultores. "Tivemos que fazer um planejamento por três anos antes de começar a empresa. Isso nos deu uma boa base para pensar a empresa e estudar o mercado", diz.

O programa abriu portas para Deosimar. E para outros empresários também. "O índice de êxito das empresas que saem da incubadora é de 80%", diz a vice-diretora do CDT, Ednalva Fernandes.

Mestre em Sociologia e com experiência na área de oportunidades de negócios, Ednalva também aposta na área de tecnologia de ponta como a grande vocação de Brasília. E cita a informática e a biotecnologia.

Ednalva acredita ainda no setor de turismo para alavancar a economia. "É uma opção de desenvolvimento que pode trazer

resultados financeiros e tem maior viabilidade de geração de empregos", acredita. Ela salienta que o desenvolvimento desse setor auxilia outros como o de alimentação, serviços, construção civil, confecções.

TURISMO RURAL

O presidente do Sindicato dos Economistas, Júlio Miragaya, não acredita muito na possibilidade do turismo vir a ser um ponto forte da economia local. "Quanto ao lazer, ainda não oferece grandes atrativos. A permanência média do turista aqui é de um dia e meio, enquanto em outras cidades é de quatro dias. O turismo de eventos (congressos, reuniões etc) pode trazer mais resultados devido à proximidade com o poder."

Quanto ao turismo rural, Júlio pondera ser uma fonte de atração muito restrita aos próprios brasilienses. O presidente da Associação Brasileira de Turismo Rural, Renato Bravo, confirma a informação. Mas acrescenta um dado novo. "Não há um só dia em que eu não receba alguém de embaixada na minha propriedade (restaurante Trem da Serra, em Sobradinho). E eles sempre trazem as pessoas que vêm de fora de Brasília ou do país", diz Renato.

A velocidade com que cresceu esse setor nos últimos anos é espantosa. Em 1996, existiam três propriedades, que geravam 20 empregos diretos. Hoje, são 53 empresas que geram 1.600 empregos diretos. "Nenhum estado teve um crescimento assim no turismo rural", garante Renato Bravo.

O elevado poder aquisitivo está por trás do sucesso do comércio local — Brasília é a cidade com maior número de shoppings centers. Cada brasiliense gasta, em média, US\$ 5,2 mil por ano com despesas anuais. Na área de serviços, um dos mercados considerados mais promissores é a capacitação profissional. Pesquisa publicada na revista Perfil Competitivo do DF e feita pela Fibra em parceria com outras instituições ligadas a Indústria, revelou que 33,75% dos empresários apontam como maior oportunidade de negócios a abertura de empresas de qualificação profissional.

Índice de Potencial de Consumo do DF atingiu **US\$ 13,821** bilhões em 1998, a 12ª posição no ranking nacional. O PIB do DF em 1998 foi de **US\$ 21,5** bilhões. O PIB per capita foi de **US\$ 11,72** mil, 120% maior do que a média nacional. **US\$ 5,12** mil. Estimativa de despesa de consumo no DF por ano, por habitante **US\$ 5,202** mil